

## PROMOVENDO SAÚDE EM CUIDADORAS ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Claudia de Lima Rodrigues<sup>1</sup>  
Anderson Noberto da Silva<sup>2</sup>  
Priscilla Maria de Castro Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

**Introdução:** A extensão tem o propósito de prestar auxílio a sociedade, visando contribuições que se destinam a melhoria dos cidadãos, tendo como finalidade o progresso da qualidade de vida das pessoas contempladas. Desta forma a extensão universitária vem repleta de saberes formais e populares, que beneficiam diretamente a comunidade, com ênfase na idosa. A própria etapa de envelhecimento tem suas modificações características, sendo elas, na estrutura orgânica, psicológica e social. Além de toda a carga que o envelhecimento traz consigo, identificam-se situações que aumentam as demandas psicológicas, como a vivência da maternidade. Destacamos aqui, as experiências de mães que se deparam com a realidade de gestar, cuidar e sobretudo amar um filho com deficiência física e/ou cognitiva, e todas as implicações sociais e psicológicas que esse cuidado lhes acarreta. Dificuldades para o cuidado, sobrecarga e sofrimento psíquico são companheiros cotidianos dessas mulheres. Há uma tendência natural da sociedade moderna e adocida de se medicalizar sofrimentos, contudo, existem meios mais eficazes para lidar com essas demandas sem necessitar da medicalização. Encontramos através das rodas de conversas um espaço de partilha das inquietações cotidianas, além de uma forma dessas mulheres se fortalecerem diante das dificuldades. **Objetivo:** relatar a experiência da extensão universitária com mães cuidadoras de pessoas com deficiência, validada através de um Programa de Bolsas de Extensão – PROBEX – que teve como cenário a APAE. **Método:** trata-se de um relato de experiência a partir de um projeto de extensão que ocorreu na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) no período de 01/05/2018 a 31/12/2018, que teve como público alvo mães ou cuidadoras de pessoas com deficiência intelectual e múltipla atendidas na instituição. **Resultados:** Observamos que a maioria das mulheres cuidadoras era mulheres que já estavam entrando na terceira idade. Mães marcadas por uma vida de dedicação, abnegação e sofrimentos. Na experiência da extensão, onde realizamos as rodas de conversas, pudemos perceber a carência e a necessidade dessas mães de partilha de suas histórias e inquietações cotidianas, das mais variadas formas de sobrecarga e opressão. Percebemos também o aprendizado proporcionado pelas rodas de conversas temáticas que foram sugeridas pelas próprias mulheres. Sentimos que o aprendizado foi mútuo e verdadeiro, possibilitando desconstruções nas mulheres e nos extensionistas. **Conclusões:** Com as temáticas discutidas, como direitos e deveres da pessoa com deficiência, violência contra as mulheres, saúde ginecológica e reprodutiva das mulheres, ansiedade, depressão e suicídio, além de partilhas sobre temáticas que as mães atravessavam no cotidiano, pudemos perceber o crescimento e melhoria da qualidade de vida dessas mulheres, além da criação de vínculos, do fortalecimento e do empoderamento dessas mulheres.

**Palavras-chave:** Extensão universitária; Idosos, Rodas de Conversa, Sofrimento psíquico.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [claudialrouds@gmail.com](mailto:claudialrouds@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [andersonsilvacg.as@gmail.com](mailto:andersonsilvacg.as@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora; Doutora em Enfermagem - PPGENF/UFPB, Professora da Universidade federal de Campina Grande, [priscillamcs@hotmail.com](mailto:priscillamcs@hotmail.com);

## INTRODUÇÃO

Através da extensão universitária o aluno perpassa o muro acadêmico e inicia seus primeiros passos frente a comunidade, obtendo uma gama de conhecimentos e levando benefícios em prol de um determinado grupo. A concepção do conceito de extensão tem como base condicionar a Universidade e a comunidade proporcionando benefícios e adquirindo conhecimento para ambas. Ela propicia aos alunos colocar em prática o que foi assimilado em sala de aula e desenvolver fora dela. E a partir do momento que se é iniciado esse contato, tanto o aluno, quanto a sociedade se beneficiam dele, no qual, certamente quem está na condição de aprendiz assimila muito mais quando ocorre esse contato, e inegavelmente é mais prazeroso praticar a teoria recebida em sala de aula (RODRIGUES et al. 2013).

O grande desafio da extensão é correlacionar a relação do ensino e da pesquisa as necessidades sociais, a fim de que, ela possa proporcionar a transformação da cidadania de forma concreta. A extensão tem o propósito de prestar auxílio a sociedade, visando contribuições que se destinam a melhoria dos cidadãos, tendo como finalidade o progresso da qualidade de vida das pessoas contempladas (RODRIGUES et al. 2013). Desta forma a extensão universitária vem repleta de conhecimentos de bases teóricas científicas, que eventualmente beneficiam categorias inseridas na comunidade, e uma dessas população em ênfase de beneficiação é a idosa.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – IBGE (2018), desde 2012 o contingente de pessoas com 60 anos ou mais era de 25,4 milhões, nos últimos anos esses números aumentaram em 4,8 milhões, o que supera a marca dos 30,2 milhões de idosos em 2017, essa marca correspondeu a um crescimento de 18 % no percentual desse grupo etário, ocasionando uma maior representatividade desse grupo no Brasil. De acordo com o levantamento de dados, as mulheres são maioria expressiva nesse grupo, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões (44% do grupo).

A tendência desse crescimento do envelhecimento da população não está perceptível apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, essa expansão deu-se através das melhorias de condições de saúde (PARADELLA, 2018). No entanto, a própria etapa de envelhecimento tem suas modificações características, sendo elas na estrutura orgânica, como no metabolismo, no equilíbrio bioquímico, na imunidade, na nutrição, nos mecanismos funcionais, nas características intelectuais e emocionais, logo, essas alterações influenciam diretamente na

adaptação do indivíduo ao meio, exatamente pela falta de condições que favoreçam o envelhecimento bio-psicossocial, e através de todos esses fatores o idoso é tido como indivíduo altamente susceptível (MARQUES, 2014).

Além de toda a carga que o envelhecimento traz consigo, identifica-se acréscimos que aumenta a demanda psicológica, como as vivências da maternidade, tendo em vista que ao contrário do que se rotula para algumas mulheres a experiência de ser mãe vem acompanhada de um conjunto de sentimentos emaranhados com traços depressivos, experiências ruins e desorganização, o que vem a gerar estranhamento, tendo em vista que a maternidade é considerada algo instintivo da própria mulher, gerando uma falta de espaço para os questionamentos que essa linha de pensamento vem a provocar, e a mãe continua a não ser vista na sua singularidade. Esse sofrimento que é sentindo tem ligação direta de como a mulher vivenciou sua própria organização subjetiva (AGUIAR; SILVEIRA; DOURADO, 2011).

Historicamente falando, ao abordar o gênero feminino o papel da mulher já está determinado tanto na família, quanto na sociedade, ligando diretamente o gênero a um padrão específico. Desta forma, a figura feminina está continuamente sobre influências, impactos e consequências do contexto social no qual está inserido. Nota-se, que é no lar que a mulher tem suas atribuições mais abrangentes, no qual é responsável por ter como papel ser a mantedora dos valores morais e educadora dos novos cidadãos, tarefa que não é considerada fácil mesmo em condições normais e de comodidade. Mas, a mãe ao deparar-se com a informação de que gera uma criança deficiente em seu ventre tende a relatar dor e sofrimento frente a ocasião, causada pela pressão gerada do meio social ocasionando sentimentos desagradáveis, tais como a própria mãe se sentir culpada pela ocorrência da Síndrome de Down de seus filhos, além de desespero, desesperança e inconformismo. Essa notícia acaba por tratar-se de uma “perda” do filho idealizado (WELTER, 2008).

Todo esse sentimento é gerado de forma intensificada pelo simples fato do desconhecimento sobre a síndrome. Desta forma as suas representações negativas só aumentam. As mães tendem a gerar uma mudança brusca no seu cotidiano, que vem com a relação direta do cuidado, pois o filho apresenta a necessidade constata de assistência ou supervisão devido as suas condições, o que leva a mão a abrir mão das suas atividades anteriores e da sua própria autos sabotagem, acarretando seu desgaste. Além de toda essa demanda, ainda vem a preocupação da imagem e da interpretação que a sociedade tem do seu filho (WELTER, 2008).

Desta forma, a mãe ao se deparar com a realidade do seu envelhecimento, e com a aproximação da sua morte tende a se encher de questionamentos a respeito do seu filho com deficiência, pois o mesmo apresenta necessidades frequentes e permanentes até os últimos momentos de sua vida, pois de certa forma os cuidados são realizados pelas mãos da progenitora. A fase de envelhecimento é caracterizada por eventos característicos, logo, a tarefa de exercer o papel de cuidadora torna-se mais fastidioso e mais vulnerável pelas limitações em função da sua própria idade (PEGORARO; SMEHA, 2013).

Quando se é tratado, o meio mais utilizado para tratar esses transtornos é o modelo clínico-biológico, que busca a cura por meios psicofármacos centrada na medicalização do sofrimento que vem a mascarar a angústia e impedir as manifestações iniciais (CARNEIRO, 2007).

Mas, por outro lado há meios eficientes que enaltecem a autoestima do indivíduo sem necessitar da medicalização, um dos meios que pode ser utilizado como intervenção são as rodas de conversa temáticas, que são estratégias de cuidado horizontalizadas, caracterizando um espaço fomentador de encontros entre pessoas e comunidades que tem como propósito a valorização das histórias vivenciadas dos participantes, o regate da sua identidade, aumento da autoestima e autoconfiança, além da ampliação do entendimento frente aos problemas cotidianos. Validada através de um Programa de Bolsas de Extensão – PROBEX, a extensão que trabalhou com mães idosas de pessoas com deficiência, teve como cenário a APAE. Nesse cenário, esse trabalho objetivou relatar a experiência da extensão universitária com mães cuidadoras de pessoas com deficiência.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiência a partir de um projeto de extensão que ocorreu na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) no período de 01/05/2018 a 31/12/2018, que teve como público alvo mães ou cuidadoras de pessoas com deficiência intelectual e múltipla atendidas na instituição. As ações utilizadas como estratégia metodológica foram rodas de conversas.

A roda de conversa tem como objetivo suscitar um ambiente de escuta cuidadosa, que por sua vez estabelece o desenvolvimento da capacidade individual e coletiva, tendo em vista que esse método propicia a discussão, e exteriorização de desejos e desabafos gerando em

decorrência a troca de aprendizados. Esse mecanismo reproduz um espaço de cuidado e promoção da saúde (COSTA et.al, 2015).

## DESENVOLVIMENTO

O projeto inicialmente teve como objetivo: promover rodas de conversa, semanalmente, como proposta de cuidado para familiares de pessoas com deficiência intelectual e múltipla atendidas na APAE-CG, com a finalidade de fortalecer o vínculo dos familiares e alunos, estimular a narrativa das histórias de vida desses familiares como forma de empoderamento e protagonismo no processo de cuidado, trabalhar as falas de sofrimento advindas do processo de cuidar da pessoa com deficiência intelectual e múltipla e promover um espaço de fala e de escuta qualificada e horizontalizada para esses familiares.

O grupo que foi trabalhado era composto por mulheres na sua fase de transição para o envelhecimento, muitas já se encontravam “estacionadas”, além de todo o processo de transição que elas já estavam perpassando, havia a junção de serem a base da sua família, assumindo toda a responsabilidade, visto que ficavam sem apoio algum. Como habitual o projeto trabalhava com temas específicos do mês, no mês de setembro foi trabalhada a prevenção ao suicídio e como sugestão das participantes a violência contra a mulher. Segue tabela com atividades e conteúdos abordados e convidados para nortear a discussão:

ATIVIDADE	TEMÁTICA	CONVIDADOS
Rodas de Conversa	Violência contra a mulher	Dra. Cândida Miguel Barreto (Advogada)
	Suicídio	Centro de Valorização da Vida (CVV)

A primeira roda temática contou com a advogada que por sua vez abordou informações sobre a lei Maria da Penha e quais as providências cabíveis a serem tomadas, a provocação na roda de conversa é inicial, o que possibilita depois a abertura de discussão sobre o tema com as participantes. A discussão acerca do tema teve suma importância pois fortaleceu o vínculo do grupo de discentes com as participantes. Inicialmente foi observado que as mulheres ficaram reservadas em explanar suas experiências frente ao tema, então foi sugerido que elas abordassem as experiências que tinham presenciado no seu dia a dia e de acordo com o passar

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

das horas juntamente com uma rica discussão elas foram se sentindo mais à vontade para explanar suas trajetórias, esse método nos proporcionou mais leveza no diálogo e explanação das vivências, além de alertá-las sobre os mais variados meios de experiências que as mulheres estão sujeitas, seja elas dentro do lar, familiar, trabalho e meio social.

A convidada expôs as ferramentas legais, transmitindo meios de soluções que podiam ser selecionadas em determinados casos semelhantes como também, nos casos que ainda não se encontrassem encerrados, a construção coletiva proporcionou as participantes empoderamento, valorização e meios de resoluções dos próprios casos, permitindo que ela participasse da solução dos seus próprios problemas.

Por setembro ser um mês temático, sendo ele: setembro amarelo, houve a correlação da realidade com os questionamentos sobre o suicídio, e a depressão e quais eram os meios de estratégias para enfrentamento e apoio para o sofrimento psíquico. Primordialmente foram utilizados cartazes explanando como o sofrimento pode estar presente no cotidiano e como pode a vir se revelar, e para tal necessidade um conjunto de meios de apoio que o permita superar de forma saudável esse momento. As convidadas responsáveis pela temática contribuíram com o esclarecimento de seu funcionamento e como poderia se tornar aliado nos momentos de dificuldade. Explanou sobre os horários de atendimento do CVV e suas competências das quais seus representantes informaram sobre a significação do serviço, sucedendo de uma ferramenta muito forte no combate ao suicídio, depressão, solidão, sofrimento, luto e outras dificuldades, visto que atua de forma auxiliar no processo de construção do enfrentamento pessoal, além de promover, principalmente, um ambiente de apoio, gratuito, discreto e isento de posicionamento crítico aos relatos ouvidos. Tal método foi recebido de maneira muito auspiciosa pois muitas desconheciam o serviço, além de se disponibilizarem a divulgar sobre o centro para familiares, amigos e conhecidos.

Após a exposição do CVV iniciaram-se inúmeras discussões, as mães começaram a relatar experiências vividas de depressão, ansiedade, angústia, pensamentos negativos e suicidas, além de questões vivenciais correlatas a baixa autoestima, desânimo e sobrecarga. Consideramos que foi uma experiência rica e de troca, onde as mães puderam desabafar e se sentirem acolhidas em suas demandas de fala.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Observamos a carência e a necessidade dessas mães para descarregar o que tanto lhe oprimia e sobrecarregava, e o quanto o projeto foi essencial nesses parâmetros, proporcionando a cada um que lá estava um meio de fuga e até mesmo de resolução dos seus impasses. De acordo com Costa (2015), as rodas de conversa são metodologias que trazem uma nova significação para a vida, constituindo indivíduos que sejam capazes de se integrar em sociedade de forma autossuficiente.

“O espaço da roda de conversa intenciona a construção de novas possibilidades que se abrem ao pensar, num movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de ser mais” (SAMPAIO et al., 2014).

A princípio o grupo oferecia resistência frente aos assuntos abordados, e debater esses temas foi de extrema importância pois nos proporcionou entender a dificuldade das participantes frente às falas, que estavam atreladas diretamente com casos de violências que ocorreram na infância ou adolescência dessas mulheres, o que lhe proporcionava força, porém, deixou sua trajetória marcada infinitamente.

De acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU, é necessário garantir às mulheres em situação de violência o acesso a uma rede de serviços essenciais a serem prestados por diferentes setores, como saúde, policiamento, justiça e serviços sociais, esses serviços tem como finalidade colaborar para interromper a violência e apaziguar suas consequências sobre o bem-estar, saúde e segurança das mulheres vítimas de violência, assim como também amparar na sua recuperação e capacitação (BRASIL, 2018).

Em consonância com as recomendações da ONU, e também com os ditames da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), foi instituída, pelo governo federal, a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. De modo que, no âmbito de tal política, o conceito de enfrentamento à violência contra as mulheres baseia-se na necessidade de implementação de políticas amplas e articuladas, que abarquem a complexidade da violência contra as mulheres em todas as suas expressões. Desse modo, a garantia dos Aprofundando o Olhar sobre o

Enfrentamento à Violência contra as Mulheres direitos das mulheres passa não apenas pelo combate à violência, mas por ações de prevenção e assistência às vítimas (BRASIL, 2018).

O projeto se mostrou de extrema importância, pois proporcionou frente as essas demandas que as mães tivessem voz para exteriorizar seus sofrimentos e experiências diárias e que ao mesmo tempo fossem ouvidas atentamente gerando discussões sobre o caso, fazendo com que elas se sentissem acolhidas e amparadas, obtendo como resultado o desencarceramento de suas almas aflitas, e estresses diários, gerando o “renascer” de novas mulheres.

De acordo com um levantamento do Ministério da Saúde a influência que a violência provoca no aumento das tentativas de homicídio e suicídios representam 83% das mortes por causas externas em mulheres vítimas de agressões anteriores, a chance de morrer por esses dois meios chega a ser 151 maior a ser comparada a da população feminina em geral, dessa forma é possível constatar que a violência é determinante no caso de morte de mulheres por suicídio (LEILA, 2019). Desta forma é de extrema importância conversar sobre como se deve conduzir-se nessas situações, pois é fundamental para romper os mitos que existem hoje. A sociedade precisa estar focalizada em relação as modalidades de tratamento para que esse cuidado surja de acordo com a necessidade clínica (MACIEL, 2018).

Um dos dispositivos de intervenção e muito importante é Centro de Valorização da Vida – CVV, fundado em São Paulo, em 1962, é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal, desde 1973. Presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato.

Ao transcorrer do projeto adquirimos conhecimentos tanto na área acadêmica quanto na pessoal, além de elucidar sobre alguns conteúdos e também a oportunidade de aprender com cada uma das participantes.

Assim, há a visualização de metodologias que contribuam para a ressignificação de valores e práticas socioculturais e que permitam o desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas nos cuidados em saúde de modo que os sujeitos possam se integrar em sociedade de forma autônoma constitui o que se considera necessidade material por envolver os domínios de vida contemporânea e emocional, pela necessidade existente do relacionamento entre os sujeitos. Além disso, a forma participativa de aprender e ensinar, proporcionada pela roda de

conversa, pode trazer benefícios para a vida a partir da conscientização e reflexão do autocuidado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, as desconstruções tanto do grupo de mulheres quanto dos discentes, foram de extrema importância, pois essas atividades proporcionaram compreender sobre o enfrentamento frente as necessidades. O objetivo do projeto foi alcançado, sendo ele, a melhoria psíquica dos participantes e para com os acadêmicos, a oportunidade de estar com a comunidade, sintonizados na prática e em busca de conhecimento. Em suma, evidencio o quão importante a extensão universitária é, pois trás consigo uma enchurrada de conhecimentos, fazendo com que o discente desenvolva suas capacidades e competências. Inicialmente a resistência das mães trouxe consigo uma parcela de insegurança e incerteza, fazendo com que os alunos saíssem de seu comodismo em busca de meios para perpassar aquele obtáculo, gerando desta forma um academico altamente capacitado frente a sociedade para o trabalho. É importante destacar também como foi importante utilizar a roda de conversa como meio de intervenção pois proporcionou a aproximação entre os envolvidos, a interação social gerando empoderamento de cada indivíduo na linha do autocuidado, da autoestima da promoção e prevenção da saúde e por fim gerando individuos capacitados para resolução dos próprios problemas.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Denise Tomaz; SILVEIRA, Lia Carneiro; DOURADO, Sandra Mara Nunes. A MÃE EM SOFRIMENTO PSÍQUICO: OBJETO DA CIÊNCIA OU SUJEITO DA CLÍNICA? Esc Anna Nery, Fortaleza- Ce, v. 15, n. 3, p.622-628, 2011.

BRASIL. Secretaria de transparencia do Senado Federal. Aprofundando o olhar sobre o enfrentamento à violência contra as mulheres. Brasília: Senado Federal. 2018. Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/conhecer-direitos-e-ter-rede-de-apoio-sao-pontos-de-partida-para-denunciar-agressao-e-interromper-ciclo-de-violencia>>. Acesso em: maio, 2019.

CARNEIRO, Rachel Shimba et al. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. Psicologia: reflexão e crítica, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2007.

COSTA, Raphael Raniere de Oliveira et al. AS RODAS DE CONVERSA COMO ESPAÇO DE CUIDADO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL. Revista de Atenção à Saúde, Natal - Rn, v. 13, n. 43, p.30-36, 2015.

LEILA. VIOLÊNCIA PODE SER DETERMINANTE PARA SUICÍDIO DE MULHERES. 2019. Disponível em: <<https://www.cvv.org.br/blog/violencia-pode-ser-determinante-para-suicidio-de-mulheres/>>. Acesso em: 29 maio 2019.

MACIEL, Victor. Novos dados reforçam a importância da prevenção do suicídio. 2018. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44404-novos-dados-reforcam-a-importancia-da-prevencao-do-suicidio>>. Acesso em: 29 maio 2019.

MARQUES, Aline Pinto et al. Hospitalization of older adults due to ambulatory care sensitive conditions. Revista de Saúde Pública, [s.l.], v. 48, n. 5, p.817-826, out. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-8910.2014048005133>.

PARADELLA, Rodrigo. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em: 09 maio 2019.

PEGORARO, Camila; SMEHA, Luciane Najar. A experiência da maternidade na velhice: implicações do cuidado ao filho com deficiência intelectual. Barbarói, n. 39, p. 235-254, 2013.

RODRIGUES, Andreia Lilian Lima; PRATA, Michelle Santana; BATALHA, Taila Beatriz; COSTA; Carmen Lúcia Neves do Amaral; Neto, Irazano de Figueiredo Passos. CONSTRUÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA SOCIEDADE. Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais, v. 1, nº 16. Aracaju, 2013.

SAMPAIO, Juliana et al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde:: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Comunicação Saúde Educação*, Pernambuco, v. 18, n. 2, p.1299-1312, 2014.

SILVA, Priscilla Maria de Castro. A Terapia Comunitária como estratégia de intervenção para o empoderamento de usuários de CAPS em processo de alta. Tese de Doutorado. João Pessoa, 2016.

WELTER, Ivânia et al. Gênero, maternidade e deficiência: representação da diversidade. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 7, n. 1, 2008.